

A Santa Casa e a privatização da assistência médica

* Herbert Levy*

Vale a pena, hoje, mudar o curso dos comentários inseridos nesta página para uma exceção meritória.



Refiro-me à contribuição que a Santa Casa de Misericórdia de São Paulo dá ao povo para pensar suas feridas sociais. É a maior entidade filantrópica do País, com cerca de 5 mil funcionários, em fins de 1990, nos cinco institutos que a integram: Hospital Central, Departamento de Geriatria D. Pedro II, Hospital São Luiz Gonzaga, Sanatório Vicentina Aranha e Colégio São José.

Alguns dados dispensam comentários. Por exemplo, no ano passado, nos prontos-socorros, em sua grande maioria gratuitos, foram atendidas 360.534 pessoas, quase mil por dia, em média, incluindo os setores de clínica médica, clínica cirúrgica, ortopedia e traumatologia, obstetrícia, infantil clínica e infantil cirúrgica.

Nos ambulatórios, que têm área de ação ainda mais ampla, foram atendidas 445.132 pessoas, ou cerca de 1.400 por dia. Devem ser acrescentados 115.066 atendimentos no setor de raios X. Entre operações de grande, médio e pequeno porte, chegou-se em 1990 ao total de 56.295.

Outros dados são também expressivos para indicar a contribuição dessa benemerita e tradicional instituição para o atendimento da população: eletrocardiogramas, 15.074; eletroencefalogramas, 1.732; remédios fornecidos,

3.272.835; impressos produzidos, 2.482.524; doadores de sangue, 15.157; número de transfusões, 27.765; volume de sangue transfundido, 7.578.500 ml; exames de laboratório, 728.579; biópsias, 13.944; número de exames no laboratório de patologia, 489.182; raios X simples, 139.859; serviços de nutrição e dietética, refeições fornecidas, 853.781; número de unidades fornecidas no setor de farmácia, 5.026.904; roupa lavada, 1.322.669 quilos.

No relatório apresentado à mesa administrativa da Santa Casa, à qual me honro pertencer, o mordomo do Hospital Central da Irmandade da Santa Casa de São Paulo, dr. Carlos Alberto Aulicino, apresenta numerosos outros dados. Mas os citados já são altamente expressivos.

Mas há um dado tão importante que reclama a atenção do presidente Fernando Collor de Mello, engajado na privatização das estatais como forma de eliminar o déficit público e combater a inflação. Um leito/dia na Santa Casa, e mesmo em outros hospitais particulares, custa menos de um terço do que custa nos hospitais oficiais.

Torna-se evidente que a privatização da assistência médica merece uma alta prioridade, não apenas pelos benefícios que trará ao orçamento da União, maiores do que qualquer outra privatização, mas também pelos benefícios à população, a qual, apesar do custo sensivelmente mais baixo, terá muito melhor atendimento.

Remeto o assunto à atenção do presidente Collor na certeza de que ele não deixará cair a peteca.